

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração

Rua Dr. Parreira, N.º 11 — TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

OS SANTOS POPULARES

HOJE as festas populares do S. João e S. Pedro, são um pálido reflexo desses tempos da minha juventude.

Os bailes tradicionais em volta do típico mastro enfeitado com murta, de enormes guias donde pendiam uma imensa quantidade de balões multicolores, concederam o seu lugar aos finos «dancings» nos jardins públicos.

A rapaziada de outrora, numa alegria esfusante, batendo as palmas e cantando essas cantigas populares dedicadas ao S. João, ia fitando a sua amada a essa meia luz dos balões venezianos, enebriada pelo perfume do alecrim.

Hoje, porém, tudo mudou...

Luz a jorros, mostrando aos nossos olhos as meninas da moda, de faces e lábios escarlates, de plumbeas olheiras e de sobrolhos rapados.

O aroma natural do manjerico, foi substituído pelos perfumes artificiais de qualquer fábrica nacional ou estrangeira.

Essas cantigas alegres que a mocidade do meu tempo entoava, também foram abulidas para dar lugar ao

Sextilhas

Na minha senda de abrolhos
Revivem ante os meus olhos
Esses tempos que lá vão;
Eu tinha então alegria
P'ra fazer da noite dia
Na noite de S. João.

E' grande a minha saudade
Do tempo da mocidade,
Da noite de S. João:
Quando ardia o alecrim,
Olhastes tu para mim
—E ardeu o meu coração!...

Saltava muito a fogueira,
Daquela forma ligeira
Que o fogo nem dá calor;
Mas, cá dentro, todavia,
Outra fogueira surgia,
Que me matava de ardor!...

Dos bailes lembro-me tanto...
Sinto até bagas de pranto
Por essa recordação!
Se nessas voltas que dava,
Alguma vez te beijava,
Beijava o meu coração!...

O baile não acabava
E o dia já radiava
Num céu de opala e rubis;
E no teu formoso rosto
Bailavam com muito gosto
Teus olhos cheios de ardis.

Isidoro Pires

Brisa de Junho

Deixai lá de preconceitos
Meninas casamenteiras,
Sois novas, lembrai-vos disso,
Ide saltar as fogueiras.

Amena, a noite convidada...

Cantai, cantai francamente
E bailai... - pois por que não?—
A vida é triste! Que importa!
Seja alegre o coração.

Máguas ao largo, passai!...

Um mastro aqui se depara,
Dai as mãos, deixai andar...
Ardem molhos de alecrim
E o fumo satura o ar.

Há movimento e ruído...

Aumentai a grazinada
E ride com destastio,
Não creiam que mal vos faça
Folgar dois dias a fio.

Mal vai a quem se entristece...

Decididas, erguei alto
A voz doce e bem timbrada;
Qualquer moça que se presa
Canta até de madrugada.

E o canto afasta cuidados...

Cupido é bonzinho às vezes,
Tem atitudes amigas
E aos moços mais renitentes
Vence-os com duas cantigas.

Ao redor zumbem segredos...

Ouvem-se acordes de harmonio,
E' tempo, não hesiteis...
Muitas juras fazem êles
Mas nem sempre são fiéis...

Um malmequer disse:
«Nada!»

Quadras

Preguei-te um cravo no peito
Na noite de S. João,
E foi posto com tal jeito
Que te feriu o coração.

Com essas lindas cantigas,
Que tão bem sabes cantar,
Consegues-me enfeitar
Mais que as outras raparigas.

O amor é uma prisão...
Quem a fez foi Lucifer.
O prisioneiro é o homem;
O carcereiro, a mulher.

Na estrada da minha vida,
Que é toda feita de abrolhos,
Só pude encontrar guarida
A' meiga luz dos teus olhos.

Chamaste-me louco, um dia,
E até cabeça de vento...
Talvez o seja, Maria,
Por te ter no pensamento.

Ao pulares a fogueira
Ao som das minhas cantigas,
Pulaste-a de tal maneira
Que até me mostraste as ligas.

Virginio Pires

Sobem foguetes no espaço...
Que enorme fogueira está!...
Vossos olhos têm mais lume
Que todo o fogo da festa!

E as horas decorrem breves...

Junho 1934

J. Galhardo

fatidico fox, dessa orquestra infernal—o jazz.

Comparar esses bailaricos em que as raparigas numa familiaridade absoluta, num á vontade irrepreensível, dançavam, com elegancia, aos de hoje, em que cada qual puxa para seu lado, numa corrida doida, sem ritmo nenhum, tendo apenas o fim de se enlaçarem é tudo quanto há de mais absurdo.

Quando no palco da minha existencia vem ao proscenio a noite de S. João, eu, que também dela tenho gratas recordações, lembro-me da quadra popular:

Vai tão longe a mocidade,
Vejo tão perto o meu fim,
Que ás vezes dá-me vontade
De deitar luto por mim...

Recordar o S. João é embrenhar-me num desses sonhos deliciosos que nos ficam gravados no coração por muito tempo após o despertar. Tristes daqueles que da sua primavera não têm uma destas belas recordações. A noite de S. João é pretexto de amor. Ela para os que amam é tão curta como as rosas de Malherbe.

Tradições das festas a Sto. Antonio, S. João e S. Pedro, em Tavira

DESDE priscas eras que é costume celebrarem-se as festas dedicadas a Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

Santo Antonio passa por brincalhão, o que não quer dizer que os nossos antigos guerreiros não invocassem como protector dos exercitos como se vê na seguinte quadra, extraída, como as outras que aqui publicamos do Romancero e Cancioneiro do Algarve:

Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal,

Ajudai-nos a vencer
Esta Batalha real.

Maior foi a popularidade que êle adquiriu como casamenteiro, não havendo quasi ninguem que se não tenha aproximado, uma vez por brincadeira da fechadura..., onde as raparigas vão em grupos dizendo umas ás outras:

O' moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio,

S. João e S. Pedro sempre

foram festejados com mastros bairristas, onde havia fogueiras, descantes e musica. Repetiram-se por muitos anos do Largo da Nora, Largo do Cano, Rua Nova de S. Pedro, Alto de S. Braz, Largo de S. João, Rua Direita e Rua do Rego etc., os quais foram desaparecendo com a organização do mastro central que, por iniciativa de Jose Maria dos Santos, Antonio Cabrinha, e outros, se arvorou na Praça da Republica, extendendo-se a iluminação até á antiga cadeia.

O festejo terminava sempre por uma missa na igreja da Misericordia, sendo selebrante o Rv.º Prior Romão Antonio Vaz.

Com o andar dos tempos estas festas passaram a realizar-se no Jardim Publico, mas sem mastro.

Caturras há porem que ainda teimam em arvorá-los como reminiscencia de tempos idos; e o mais frequentado é, sem duvida, o da Rua dos Mouros no quintal do sr. Gonçalo, para gaudio da rapaziada e da fina flor sopeiral.

Nos arredores da cidade, freguesias rurais e até nos locais das armações também se erguem alguns mastros onde as cachopas em baile de roda cantam:

Onde estará o Baptista
Que não está na sua Igreja
-Lá anda de mastro em mastro,
Só para ver quem o festeja.

Se São Pedro não negasse
A Cristo como negou,
Outro galo lhe cantaria
Melhor que lhe não cantou

S. T. F.

Secção desportiva

Na qualidade de representante do «team» mixto, que na passada segunda feira, 18, venceu por 1-0, o Sporting Club Tavirense, veio á nossa redacção o distinto desportista sr. Eduardo dos Santos Ramos, fazer-nos entrega da taça que foi disputada entre os grupos acima mencionados.

Declarou-nos este sr., ser desejo do grupo mixto, que por intermedio do nosso jornal a referida taça fosse disputada no dia 24 do corrente, num encontro amigavel de foot-ball entre os clubes locais Távira Ginasio Club e Sporting Club Tavirense, revertendo o producto liquido desse encontro a favor do Asilo Distrital Esperança Freire e Hospital Civil desta cidade.

Para esse efeito imediatamente procuramos avistar-nos com as Direcções dos referidos clubes, afim de colher-mos as suas impressões sobre o encontro em vista.

Ouvi-mos primeiramente o sr. José Pires Cansado, Presidente da Direcção do Távira Ginasio Club e pessoa a quem o desporto algarvio alguma coisa deve, que a melhor boa vontade nos atendeu e se prestou a ouvir-nos.

Disse-mos-lhe o assunto que ali nos levava e imediatamente aquele sr. nos respondeu que o grupo de honra do seu Club, estava sempre pronto a disputar encontros em beneficio das casas de assistência.

Por isso, desde já, podiamos contar com o grupo do Club que é Dirigente, para disputar no dia acima indicado o referido encontro de foot-ball, conquanto que este fosse efectuado no Campo de Jogos do seu Club, em virtude de não achar em condições higienicas para a pratica do foot-ball o Campo de Jogos situado no Campo dos Martires da Republica.

Disse-nos mais este sr., que sobre o mesmo campo, já em tempo anteriores Direcções, offciaram á Associação de Foot-Ball do Algarve, informando-a que nem official nem particularmente, o grupo de foot-ball daquele Club, ali realisaria encontros, em virtude do facto que acima expõe.

Ouvi-mos depois o sr. Victorino Castanho Soares, tambem Presidente da Direcção do Sporting Club Tavirense, que nos disse que o grupo de honra do seu Club com grande satisfação realisaria o encontro solicitado por este jornal, demais tratandose de um jogo cujo producto era destinado a favor de casas de beneficencia desta cidade.

Contudo neste momento, em virtude de o grupo de honra daquele Club não ter ainda bem treinados, os elementos que dele fazem parte, lembrava que seria melhor realizar o citado encontro, daqui a dois ou tres meses, pois só assim o mesmo seria mais rijamente disputado entre as equipes de ambos os Clubes.

Disse-nos mais aquele sr. que achava, que a disputa da mesma taça, deveria ser feita em dois encontros. Um a realisar no Campo do Távira Ginasio Club e outro no Campo dos Martires da Republica que a essa altura já deve estar em melhores condições, das que actualmente se encontra, em vista das obras que o seu Club, com a devida autorização da Camara Municipal, ali se propõe realizar.

Em face das propostas dadas

Exposição Colonial do Porto

Foi já inaugurada com a assistência de sua Ex.^a o Sr. Presidente da Republica, dos Srs. Ministros das Colonias, Comercio, Guerra, Industria e Marinha, este certamen, onde Portugal demonstra cabalmente todo o enorme esforço colonizador que desde seculos tem desenvolvido.

Mais uma vez se prova a falta de razão dos inimigos do nosso paiz na sua campanha contra nós, acusando-nos de escravatura e de desleixo. Contra factos não há argumentos.

Os discursos da sessão inaugural, do Sr. Calem como presidente da Comissão da Exposição, do Sr. capitão Henrique Galvão, delegado tecnico e do Sr. Ministro das Colonias, sintetizam bem vibrantemente quanto a civilização deve a Portugal nesses dominios.

Entre todos esses discursos permita-se-nos salientar uma frase do discurso do Sr. capitão Henrique Galvão, que concretisa perfeitamente a Hora que vivemos: «A minha geração nasceu num pequeno país mas parece querer morrer num Imperio».

E, de facto parece que assim sucederá.

O exito da actual exposição tem sido de tal forma que já se pensa numa Exposição Colonial Internacional, a realisar em Lisboa em 1936.

PREÇOS dos GÉNEROS

No mercado de domingo passado, desta cidade, os géneros tiveram a seguinte média de preços, por litro:

Milho	\$90
Cevada	\$60
Aveia	\$50
Favas	\$60
Feijão-Branco	1\$60
Grão	1\$30
Feijão-Manteiga	1\$80
Ervilhas	\$70

Ovos, 2\$70 a duzia.

pelas Direcções dos Clubes, convidados para disputar a referida taça, lembrava este jornal, que no proximo domingo, 1 de Julho se realisase no Campo de Jogos do Távira Ginasio Club, um encontro amigavel de foot-ball entre dois grupos mixtos desta cidade. Um constituido por jogadores do Távira Ginasio Club e outro por elementos do Sporting Club Tavirense, sem contudo officialmente figurar o nome de qualquer destes Clubes.

Este encontro seria para disputa da taça em questão e o seu producto liquido, revertaria a favor das referidas casas de beneficencia.

No caso de este encontro se realisar, desde já «Povo Algarvio» oferece uma artistica taça, para daqui a dois ou tres meses, isto é, o tempo suficiente apresentado pela Direcção do Sporting Club Tavirense, para treinar o seu grupo de honra, ser disputada entre aqueles Clubes em dois jogos. Um no Campo de Jogos do Távira Ginasio Club e outro no Campo dos Martires da Republica, caso nessa altura já tenham sido feitas as obras que o Sporting Club Tavirense, como já atraz informamos, ali pretende realisar.

Zéca

FESTEJOS

no Jardim Publico de Távira

A mesma Comissão que organisa as festas em honra de Sto. Antonio e cuja constituição já em devido tempo noticiamos, resolveu, devidamente autorizada pela Camara Municipal, promover no Jardim Publico desta cidade festejos dedicados a S. João e a S. Pedro nas noites de 23, 24, 28 e 29 do corrente. Estas festas que serão abrilhantadas nas quatro noites pela nossa Banda Municipal, constam de Tombolas, vendas de Mangericos, de Sinas, etc. por meninas da nossa sociedade vestidas com trajes caracteristicos.

Durante essas noites queimar-se-ha vistoso fogo de artificialio. Depois do concerto da Banda Municipal que acabará á meia-noite, começará o Dancing no local do costume para o que já está contratada a «Piecho-Jazz» sob a habil regencia do maestro D. Gregorio Piecho.

Estamos convencidos que, atendendo ao destino da receita liquida desta festa que será dividida entre o Hospital e o «Asilo Esperança Freire» e tambem á época calmosa que atravessamos, estas festas serão bastante concorridas.

A Comissão que se encarregou de dirigir o Dancing é formada pelos Srs. José Pedro Barão J.^o, José Mendonça Santos, José Rodrigues Santos, José Pereira Nolasco, Teodoro Honorato Peres e Antonio Jaime da Fonseca Soares.

Estes nomes são só por si garantia suficiente da boa organização do Dancing e de que nele haverá de tudo a começar por ordem e boa disposição, o que tambem é necessário.

Comentando...

Dois grandes defeitos que tornam o homem emburrante e antipatico são a vaidade e a estupidez. Esses dois defeitos andam tão intimamente ligados, que raras vezes deixam de aparecer simultaneamente. As relações que existem entre si são tão grandes que a vaidade cria a estupidez e a estupidez cria a vaidade. Parece que não pode existir uma sem a outra.

Os homens que as possuem são fantoches, pobres de idéias, pobres de raciocinio, pobres de moral, pobres de tudo o que seja bom e aproveitavel.

São homens porque andam em posição vertical. Essa posição não se harmoniza com a massa de que são constituídos, e por isso não lhes deveriamos chamar homens. O que lhes deveriamos chamar? Os leitores o dirão.

NECROLOGIA

Faleceu nesta cidade a Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita Rosa d'Oliveira Gomes, viúva do sr. Carlos José Gomes e sogra do nosso presado assinante sr. dr. Frederico Chagas.

A Família enlutada apresentamos os nossos pezames.

Agradecimento

Maria do Brito Romão, sua filha, genro e mais familia, agradecem a todas as pessoas que se incorporaram no presuto fúnebre do falecido João R. Pinheiro Centeno.

Uma carta

Publicamos a seguir devidamente autorizados, uma carta dum tavirense ausente da sua Terra há perto de 40 anos.

O dossier formado pelo epistolario recebido pelo Director dum jornal, mesmo o dum pequeno semanario provinciano como o «Povo Algarvio», é extremamente curioso. Encontra-se de tudo. Fica-se satisfeito no entanto quando se recebe uma carta como a que segue, principalmente se, como acontece neste caso, o jornal foi fundado para a defeza dos interesses regionais não havendo por detraz dele nenhuma especie de interesses escuros ou qualquer vaidade estulta a querer impor-se.

Se ás vezes nos assalta qualquer desejo de descanso, a leitura dum carta como esta logo nos faz enrijar para a luta.

Pois se um individuo há tantos anos afastado da sua Terra, tendo arranjado a sua vida lá por fora, ainda nutra por ela o sentimento profundo que nos demonstra, como é que nós, os que nela vivemos temos o direito de desmorecer na luta?

Para deante é que é o caminho!

Sr. dr. Jaime Bento da Silva, dig.^o director do «Povo Algarvio»:

Ausente da minha terra, há muitos anos, o afecto por ela não tem diminuido. E' certo que, durante este tempo, o meu sentir passou por varias formas. Quando daí vim, cheio de saudades,—mas influenciado pelo «meio»,—eram de zanga, de protesto, os sentimentos que me dominavam ao ver alguns conterraneos, em lutas inglórias, prejudicarem a terramãe. E como não podia evitar esses maleficios, desgostava-me, sofria.

Fugindo a esses sentimentos deixei de ler os jornais que lá se publicaram. E foi assim que o desgosto foi passando. E o tempo fez o resto.

Dezenas de anos sem lá voltar! Por não querer? Não!...

Quando pude e lá fui, em 1929, ao sair da estação, vendo-me numa rua inteiramente nova, se fosse de noite, teria feito como o Ulisses ao regressar á patria. Mas era de dia, rua movimentada; não quiz passar por maluco. Junto do predio do Monte-Pio Artístico senti que a minha vida tivera uma paragem brusca. Seguiu-se um recuamento de quarenta anos: daí para trás, muito para trás. E só, desconhecido, com o propósito firme de não pensar nos mortos queridos, percorri varias ruas, largos, praças,—a cidade inteira. Depois, somei, diminuí, multipliquei. Tirada a «prova dos nove» a essa operação de confronto, fiquei contente. Távira, a Linda, tinha melhorado,—com bom gosto, sem a menor saloíce... Nem a tristeza, anémica, que alguns visinhos lhe atribuíram, lhe notei...

Desde então, por ligeiro desafogo monetário—mais me tenho aproximado da minha terra. E ainda não há quatro meses aí me demorei, três horas, para que dois amigos meus tivessem a satisfação de a vêr, e eu a de ouvir apreciar as suas belezas.

De forma que, quando vi anunciado o aparecimento do seu periódico, e ao saber a naturalidade de V. resolvi aproveitar o ensejo de, ao pagar a assinatura, o cumprimentar.

Desejo, pois, que V. se conser-

Bombeiros Municipais

Finalmente está em vespuras de rápida solução a organização da corporação dos Bombeiros Municipais de Távira.

Consta-nos que r6 se espera pela chegada do Sr. Administrador do Concelho que está encarregado de estudar o assumpto e que já apresentou o seu relatório bem como uma organização a que deve obedecer á corporação dos Bombeiros Municipais e que mereceu o inteiro aplauso da Camara Municipal, que já adquiriu o material suficiente, bem como mandou beneficiar o material existente de forma a garantir uma perfeita eficiencia á nova corporação.

A G. N. R. e as suas instalações

Consta-nos que a 2.^a Direcção Geral do Ministerio da Guerra já deu ordem para que fosse elaborada o orçamento das reparações a efectuar no predio militar de Sant'Ana onde está instalado a secção da G. N. R. nesta cidade. No entanto em orçamento só poderá ser autorizado quando o predio referido se encontrar livre.

Estamos convencidos de que a G. N. R. não levantará dificuldades de modo a impedir a realização d'aquelas obras inadiaveis, tanto mais que, visinho a esse predio, existe outro predio, militar tambem, onde a G. N. R. se poderia instalar durante as obras.

Festas em Olhão

Agradecemos o cartão de ingresso que nos foi enviado para as festas, cujo programa já publicamos e que se realisam naquela vila nos dias 23, 24, 28, 29 e 30 de Junho e 1 de Julho.

Dr. Ramos Passos

MEDICO-CIRURGIÃO

Praça da Republica

TAVIRA

ve largos anos nesse posto de combate, o qual, se tor brando mas persistente, persuasivo, com tolerancias mil, fazendo-se rodear de bons tavirenses—legítimos ou adoptivos,—muito pode fazer em proveito da nossa terra.

Esta carta não tem resposta. Mira, apenas... a dizer-lhe que o vale incluso se destina a pagar 24 numeros do «Povo Algarvio».

Com elevada consideração, e muita simpatia, sou, de V.

patricio M.^{to} At.^o

Alcácer, 13-VI-934.

A carta não leva a assinatura do seu autor porque a isso não estamos autorizados. Como nota curiosa: o sinatario desta carta e o Director deste semanario nem sabiam da sua mutua existencia antes do «Povo Algarvio» ter aparecido, e ainda hoje se não conhecem.

A ligá-los ainda mais alem dum grande amizade pela Terra que lhes foi berço, existe tambem uma sincera admiração pela obra de ressurgimento nacional devido ao Estado Novo e a Salazar, por consequencia.

Sessão de Propaganda do Estado Novo

No passado domingo, 17 do corrente, realiso-se na Aldeia da Luz, dêste concelho, mais uma sessão de propaganda do Estado Novo promovida pela Comissão Municipal da União Nacional. Já este ano outras duas sessões se tinham realizado uma na Aldeia da Conceição e outra no Pôvo de Santa Luzia, ambas muito concorridas. A última devido a serem marítimos os seus habitantes foi noturna para se conseguir um maior êxito de assistência.

Na sessão de propaganda da Luz que se realizou na sala da escola primária encontravam-se os senhores: dr. Arnaut Pombeiro, médico, Luiz Augusto Fialho, João Viegas Pires, João Antonio Romeira, José Inácio Massena, Manuel Martins Palmeira, Antonio de Mendonça Lindo Junior, João Inácio Gomes, Carlos Madeira Nobre Gomes, Francisco Ramos Passos, José Correia Pacheco Dourado, Joaquim Correia Pacheco Dourado, José Libertador Monteiro, Padre Antonio dos Santos Mendes, Sebastião Martins Palmeira, Manuel Correia Dourado, etc. etc, proprietários e lavradores da região que enchem a sala.

* * *

Assumi a presidência o senhor Jorge Ribeiro, Presidente da Camara servindo de Administrador do Concelho, que convidou para secretários os srs. dr. Arnaut Pombeiro e Luiz Augusto Fialho. Abrindo a sessão começou por agradecer a todos a sua comparencia tanto mais que tendo sido marcada esta reunião com pequena antecedencia mais era de louvar o seu gesto sabendo que nesta época do ano os trabalhos do campo não lhes permitem descanço. Referiu-se depois á riqueza da freguesia da Luz, á influencia que ela tinha dentro do concelho.

Aconselhava, que houvesse sempre a maior união porque mais facilmente conseguiriam os seus desejos. Referindo-se aos motivos desta reunião fez o elogio rasgado dos serviços que o Paiz deve ao Sr. Dr. Oliveira Salazar, lamentando que ainda houvessem individuos que agarrados a velhas ideias não quizessem ver tudo aquilo que de grande a actual situação e Salazar têm feito á nossa Pátria. Era tempo de em presença dos factos já irem passando esses preconceitos e de se convencerem que para traz se não volta. Terminou por pedir a todos que dentro das suas possibilidades trabalhassem cada vez mais dentro da orientação da União Nacional que o mesmo é trabalhar dentro da orientação do chefe do Governo. O orador foi muito cumprimentado no final do seu discurso.

O senhor Presidente deu depois a palavra ao nosso director, sr. Dr. Jaime Bento da Silva, que falou em nome da Comissão Municipal da União Nacional principiando por reforçar o pedido com que tinha terminado o seu discurso o sr. Jorge Ribeiro dizendo que sem união nada se pode conseguir, não compreendendo e nem admitindo divergencias entre os partidários do Estado Novo porque doutra for-

ma teriamos de admitir a existencia de mais dum chefe politico quando dentro da actual situação politica só se reconhece e só existe um único que é Salazar. A' frente da União Nacional do nosso concelho encontra-se o sr. Jorge Ribeiro que nos merece a maior confiança a todos nós, quer pessoalmente quer pela admiravel obra administrativa que tem realizado já dentro da Ditadura, primeiro como Provedor da Misericórdia, depois como Presidente da Camara, quer ainda pela dedicacão que desde o 28 de Maio tem demonstrado pelo Estado Novo. E' á volta do sr. Jorge Ribeiro que todos nos devemos juntar, todos aqueles que no nosso concelho sentem sinceramente admiracão pela obra de Salazar e sinceramente também sentem a necessidade de se implantarem no nosso Paiz os principios politicos contidos no discurso da Sala do Risco e na actual Constitucão.

Explanou-se depois sobre as diferenças existentes entre o regimen anterior ao 28 de Maio e aquele que depois dessa data se procura implantar. O primeiro, parlamentarista e individualista, colocava em frente do Estado o cidadão-eleitor não lhe reconhecendo outras qualidades, obrigando este, desta maneira para se defender, a agrupar-se nos partidos politicos que, quando subiam ao poder, não podiam esquecer-se de que, tendo triunfado por meio dos votos, se se quizessem aguentar no poder tinham de gratificar os seus auxiliares e procurar até aumentar o seu número com todos os beneficios que do Estado podiam tirar. E assim a Nação, relegada para segundo plano, ia-se diminuindo cada vez mais á força de ser mãe de tanto enteado, visto que os beneficios não o eram por ser portugezes mas por fazerem parte das agremiações politicas que alternadamente dispunham do Poder.

Por outro lado o trabalhador encontrava-se abandonado em presença do patrão, sem defeza, transformado em carne de gado a quem se pagava mais caro ou mais barato conforme as necessidades de occasião e o número de braços que se ofereciam.

Quando o regimen liberal decretou em 1834 a dissolução das corporações de artes e officios o trabalhador encontrou-se de repente perfeitamente isolado na sociedade. E para fazer valer os seus direitos á vida, visto que a lei só o conhecia como cidadão-eleitor, teve de recorrer á luta e aceitando como bôa a doutrina de Carlos Marx criou os sindicatos operários em presença das associações dos patrões. E o resultado dessa luta vimo-lo no nosso paiz em que, se não fosse o triunfo do 28 de Maio, o conservador portugez sentiria bem fundo o resultado da luta de classes aceite como um dogma por patrões e empregados.

O regimen que a actual Constitucão veio estabelecer em Portugal é completamente diferente. O cidadão-eleitor politico desaparece e em lugar encontram-se o cidadão-chefe-de-familia e o cidadão-trabalhador. Basta enunciar estas diferenças de nomes para se notar logo a enorme re-

volução que se está a realizar na nossa vida social. Alcançada a estabilidade da organica nacional nos seus tradicionais moldes o chefe-de-familia só tem que escolher entre os seus iguais os mais competentes sem preocupações de filiação partidário e o trabalhador sabe perfeitamente que nos concelhos de produção a opinião do seu representante tem tanta importancia como a do representante da classe patronal.

Continuando pediu desculpa de que a sua conferencia se tornasse um pouco monótona mas ele orador entendia que a propaganda da actual situação só se devia fazer com argumentos e com factos. Nós não queremos entusiasmar ninguém com esse entusiasmo á flor da pele tão nosso conhecido, disse o orador, queremos primeiro convencer da razão que nos assiste quer sob o ponto de vista doutrinário quer sob o ponto de vista das realizações e só então fazer vibrar a alma popular para que todos juntos auxiliemos a marcha admiravel que o nosso Paiz vai seguindo sob a chefia de Oliveira Salazar, uma daquelas figuras que ocupará dentro da historia de Portugal um dos logares que só as grandes mentalidades renovadoras podem ocupar. Ouviram-se tambem muitas palmas sendo o orador muito cumprimentado.

A seguir falou o sr. Dr. Arnaut Pombeiro, médico na Luz, cujo discurso abaixo publicamos:

Meus senhores

Era velho hábito do passado, sempre que se falava em publico, começar por pedir desculpa de se não ser orador, ainda aqueles a quem uma verborrêa nata cultivada por meninice palradora, cheia de lugares comuns e palavras vazias, concedia rendosamente o titulo de oradores de raça.

Hoje, felizmente, esse velho hábito caducou e os homens não se avaliam já pelo maior ou menor numero de palavras que dizem, bem ou mal ditas, mas sim pelas suas capacidades de trabalho e de sacrificio, pelo que já fizeram e são capazes de fazer, pela sua honestidade, pela sua moral e pela sua cultura.

E porque os exemplos do passado assim nos falam claramente, e porque o exemplo sugestivo do chefe assim o determina—um estadista que tem reformado todo um Estado e toda uma mentalidade sem um discurso de improviso—por todas estas razões não vos peço já desculpa de me apresentar a falar sem ser orador.

Nos comicios de propaganda que se faziam em vésperas de eleições, esses sim, eram cheios de grandes e inflamadas discursatas que envolviam misteriosamente as mais misteriosas promessas, sempre promessas, eternamente promessas.

E viu se o resultado a que se chegou com todo esse palratorio, porque enquanto se tratava de falar se podia trabalhar—as estradas transformadas em corgos; os portos e as barras feitos ilhas autenticas de areia; as escolas onde as havia, instaladas em pocilgas; a justiça nas mãos dos caciques; o governo da Nação entregue ao luxuoso café que era o parlamento, que custava 7.000 contos ao con-

tribuinte, e onde se batiam com patriotismos umas minorias impotentes, esmagadas por um partido poderoso, governando em irresponsavel ditadura.

O Dr. Oliveira Salazar, genial encarnação das virtudes ancestrais dos portugezes de antanho, tam bem ele diagnosticou a doença gravissima de que a Nação enfermava, com tanta inteligencia e clareza viu o caminho que ia seguir—que se encerrou no seu gabinete de trabalho, isolando-se de tudo e de todos, sem fazer promessas nem expôr planos, tal como o fizera em séculos passados uma figura grandiosa, herculea, gigantesca da nossa epopeia marítima, o Infante de Sagres, enquanto planeava e dirigia uma das mais arrojadas e vastas empresas de que a Humanidade se ufana—a Descoberta do Mundo, o conhecimento geográfico que habitamos.

Tal como o Infante D. Henrique, que a Historia cognominou de «Taciturno» e foi talvez a sua primeira figura, recolhido, asceta, não frequentando as feiras de vaidade, assim o reconstrutor genial de Portugal contemporaneo só appareceu á luz da celebridade depois de realizar uma obra.

E ao sabor dos politicos o paiz ia-se afundando; até ao dia em que as dividas e a distancia do progresso e da civilização nos fariam perder a independencia nacional, pela qual tantos milhões de portugezes que viveram antes de nós, durante 8 séculos de Historia, tam valente e heroicamente se bateram sempre.

Mas o Exército Portugez, os soldados de Portugal não servem só para nos defender em tempo de guerra, e devem estar sempre alerta, vigilantes, não vá o inimigo meter-se-nos em casa sem dar-mos por isso.

E desta forma, meus senhores, nasceu o 28 de Maio.

Todo o paiz estava farto, fatisimo, do descrédito e do desprezo a que nos votava o estrangeiro.

Todo o paiz estava farto de pedir constantemente melhoramentos a que tinha incontestavelmente direito e não ver nunca satisfeitos os seus desejos.

E o 28 de Maio foi o desabafo de todo o paiz, de todos os portugezes que amavam a sua Patria.

E hoje, com que orgulho, com que vaidade, com que intima satisfação, com que alegria nos apparecem a falar os homens que vos dizem:

«Abençoei e acompanhei com todas as forças da minha alma a marcha gloriosa do general Gomes da Costa sobre Lisboa, sobre o foco de infecção, sobre o cancro que devorava o paiz.»

Hoje, passados 8 anos de reconstrução e de trabalho persistente e teimoso, hoje, decorridos 8 anos de gloria para Portugal, com que orgulho podemos dizer em toda a parte: «Sou portugez, do Portugal glorioso de Salazar.»

Mas estas verdades, que ninguém pode negar, que estão á vistas de todos, são por todos vistos?

Quando todos os paises elogiam e alguns imitam, na medida das suas possibilidades, o que se faz em Portugal, todos em Portugal o veem?

Quando a França, a braços com um deficit orçamental que a asfi-

xiava nos copiou o sistema de reconstrução financeira, e a Espanha nos admira e inveja gulosamente a ordem e a tranquillidade, quando alguns paises da America do Sul nos pedem informacões sobre o nosso plano de reorganização naval e nos comparou até, o que pela primeira vez sucede desde há 4 séculos, navios construidos nos nossos estaleiros por operarios portugezes, quando a Inglaterra nos olha já como um aliado de peso, e a Italia e Alemanha nos apetece a brandura e tenacidade da nossa Revolução, quando tudo isto sucede, por todo o Mundo, todos os portugezes de sentem igualmente honrados e orgulhosos com a obra do Estado Novo?

Infelizmente não, porque não há pior cegueira que a dos que não querem vêr. Aos cegos ainda se lhes explica o que está na sua frente e que infelizmente os seus olhos não atingem, mas os que não querem vêr, fecham os olhos, rolfam os ouvidos, e não veem mesmo».

Hoje já, o Estado Novo conta nesta freguesia um grupo valioso e valoroso de servidores, cujos nomes toda a freguesia conhece e respeita, e dentro dum ano, estou disso certo, com a próxima fundação da Casa do Povo, estará conosco a grande massa da freguesia.

Depois, fazendo algumas considerações sobre os fins da Casa do Povo, o orador termina:

Com representacão junto do Governo, legitimando e corporando as verdadeiras aspirações locais, estas casas serão no futuro, uma divisão, um compartimento a mais que pintamos á nossa propria casa, uma casa em que nos sentimos bem, uma casa que é nossa, porque é a Casa do Povo.

Não a temos ainda e por isso, illustre Presidente da Camara e dr. Jaime Silva, vos recebemos nesta outra onde vos saúdo em nome do povo desta freguesia, que confia serenamente em V. Ex.^{as} para a obra grandiosa do progresso local, de que a próxima fundação da Casa do Povo é o primeiro passo.

Para V. Ex.^{as}, como Administrador do Concelho e Presidente da Camara, como representante adentro do Municipio, dos principios intangiveis do Estado Novo, para V. Ex.^{as} vão as nossas mais calorosas saudações e homenagens, e os nossos agradecimentos pela honra da sua visita.

Ao terminar o seu discurso a assistencia entusiasmada saudou com bastantes palmas o orador que foi muito cumprimentado.

Por último falou o sr. José Augusto Baptista Pires, secretario da Administracão do Concelho, que começou por declarar que falar em publico não é tarefa facil quando as palavras proferidas tenham um cunho de elevado critério e de sãos principios e que, quando destinadas ao Pôvo, elas tragam na realidade beneficios para o mesmo, representando sempre a verdade insofismavel e indiscutivel.

Seguidamente declarou que se anda como propagandista do Estado Novo foi em primeiro lugar por constatar os enormes beneficios que a Portugal tem trazido e traz a politica e administracão honrada de Sua Ex.^a e Doutor

(CONCLUI NA 4.^a PAGINA)

As Casas do Povo na organização corporativa

Os municípios foram, desde o seu aparecimento, um baluarte notável na defesa dos interesses das comunidades, exercendo, ao mesmo tempo, uma acção, disciplinadora e orientadora dos povos. Num plano secundário da organização administrativa encontramos as freguesias.

Mercê das circunstancias várias, a actividade das juntas de freguesia, foi reduzindo-se pouco a pouco. Os seus fins de beneficência, de extinção da mendicidade, melhoramentos e progressos locais, etc., foram desaparecendo em face dos diminutos rendimentos das freguesias e do desleixo e indiferença de quem exercia cargos administrativos.

As receitas, á medida que as necessidades locais aumentavam eram incomportáveis para lhes fazer face.

Assim, as juntas de freguesia, reduzida a sua esfera de acção, transformaram-se em simples organismos políticos, cuja finalidade principal era elaborar e desfazer recenseamentos eleitorais.

A freguesia passou a ser a primeira escola onde o povo aprendia os seus deveres políticos, esquecendo-se, todavia, dos seus deveres sociais e humanitários.

Mais uma consequencia perniciosa e funesta da centralização administrativa das democracias...

Tornava-se, pois, necessario criar um organismo que chamasse a si a função social de proteger e auxiliar a massa trabalhadora dos aglomerados rurais, elevando o seu nível moral e intelectual e melhorando as suas precárias condições de vida.

Com esse objectivo surgem nos novos principios corporativos, A Casa do Povo, criação original do illustre Sub-Secretario de Estado das Corporações e Previdencia Social, uma vontade firme e inquebrantavel ao serviço duma intelligencia privilegiada e fecunda. Na formação economica e social do Estado Novo não se seguiu um sistema totalitário, isto é, não se traçou com o auxílio dum esquadro, duma régua e dum compasso, um plano teoricamente perfeito, mas praticamente inexquível.

Muito ao contrario, partiu-se dum esboço, delinearam-se principios, construiu-se primeiro uma casa modesta mas solida para, num futuro que se antolha feliz e cheio de esperanças, se construir definitivamente o grandioso edificio corporativo.

O sistema informador da nossa organização corporativa é, pois, parcelar, lento, seguro, e nisto consiste a sua perfeição.

Foi, certamente, o aforismo latino—paulatim sed firmiter—de vagar mas com firmeza—o seguido por Salazar quando estudou e fez promulgar os 6 magistrais decretos que constituem os alicerces do Estado Novo Corporativo.

A primeira pedra carreada foi a Casa do Povo.

A Casa do Povo é o lar de todos os trabalhadores, ninho acolhedor, que deminuirá a grande desigualdade entre eles e os dadores de trabalho, emparando-os na doença concedendo-lhes medicamentos e subsídios, assegurando-lhes a velhice, auxiliando-os quando desempregados, cedendo-

lhes casas habitaveis, higienicas, cheias de luz, ar e alegria, cultivando o gosto pelo desenvolvimento fisico, facultando-lhes pequenos emprestimos para a exploração agricola onde pequenas industrias de caracter domestico, como a fição, tecelagem de linho e lã, ceramica, mobiliário, bordados, rendas, e quaisquer outras que se encontrem nas mesmas condições de exploração economica. Mas, para que estas instituições possam conservar-se e progredir, é necessario e imprescindivel muito amor, muito carinho, muita dedicación por parte de toda a massa rural das freguesias e uma assistencia, desinteressada e leal, de todos os proprietarios que devem compenetrar-se da sua função na Sociedade.

Para isso devemos convencer os tradalhadores das boas intenções de que vimos animados, demonstrando-se-lhes as incalculaveis vantagens da aceitação da nova ordem corporativa, porquanto ela obedece a realisações e não utopias. Beneficios directos, melhoramento das condições de vida dos operários, melhor aproveitamento das suas capacidades é o que lhes oferecemos e desejamos cumprir.

Ao proprietario, ao comerciante ao industrial—elementos dum todo que se chama a Nação Corporativa—necessario se torna convence-los de que o seu egoismo burguês é criminoso, que devem olhar para os seus colaboradores—tecnicos e operarios—como componentes duma mesma familia.

Com um pouco de boa vontade e transigencia de parte a parte conseguiremos valorisar e aperfeiçoar este maravilhoso Portugal.

D. Judice da Costa

Manifesto da produção de lã

Nos termos da alínea b) do artigo 8.º do Regulamento dos Serviços de Estatística Agrícola, aprovado pelo decreto com força de lei n.º 4.634, os criadores ou possuidores de gado ovino são obrigados a manifestar, de 1 de Maio até 15 de Julho, as quantidades de lã que recolheram no ano agrícola corrente,

As quantidades manifestadas deverão ser expressas em quilogramas.

O manifesto será feito nas freguesias onde o produto tiver sido colhido. Nas regedorias deste concelho distribuem-se, pelos interessados que os requisitarem, os impressos para o referido manifesto.

Os transgressores ficam incursos nas penalidades da lei, pela falta de declaração ou pela declaração falsa.

CORRESPONDENTES

A lista dos correspondentes deste jornal nas freguesias rurais, do nosso concelho, ficou assim organizada:

Luz—João Viegas Pires.

Conceição—Zacarias Bento Fernandes.

Sta. Catarina—Joaquim Alberto Viegas.

Cachoço—Sebastião José da Luz.

Sto. Estevão—Virgilio Fernandes Encarnação.

Misericórdia de Tavira

Em virtude da montagem da canalisação de agua quente em todo o edificio, vende-se um esquentador «tipo Vaccum» niquelado, para petróleo, em estado completamente novo. Trata-se no hospital da Misericórdia.

Sessão de Propaganda do Estado Novo

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

Oliveira Salazar e em segundo lugar por o ter completamente revoltado as barbaridades cometidas por pessoas sem coração e sem escrúpulos com o lançamento de bombas. Que se reservou para falar na freguesia da Luz por ter sido nela que aprendeu as primeiras letras, por nela ter a maior parte da sua familia e por ali ter ido muitas vezes para fins eleitorais.

Abordando depois o assunto da sua palestra começou por afirmar que a politica antiga já morreu para sempre. Que o tempo e a experiencia tinha aberto falencia ao liberalismo. Faz a análise da ordem socialista e do corporativismo, estabelece com precisão e clareza a sua distincção, demonstra á evidencia ás bases de cada um e conclui por declarar que são sistemas irreductiveis e antagónicos. Descreve os meios usados pelo corporativismo para a sua solução e aos que o socialismo recorre para o mesmo fim. Faz a diferença entre os processos empregados e classifica-os. Esclarece ainda o que se pretende com o corporativismo no que diz respeito a patrões e empregados, a sua conciliação, agregação em grémios profissionais e a federação desses grémios em corporações nacionais.

Depois entrando no campo de acção faz a distincção entre as propagandas de hoje e as de então, dizendo que as de hoje têm o desejo de facilitar a missão do Governo e os seus conferentes a de servir lealmente a Nação. Fala ainda sobre os sindicatos, célula primária da organização corporativa, e a alta importancia destes organismos na luta de construção e renovação.

Em seguida ventila as criações

das «Casas do Povo», escolas de educação sindical e do puro nacionalismo, declarando que o Governo, com as suas criações, demonstrou mais uma vez que não lhe era indiferente o viver dos necessitados. Mostrou as vantagens que aos sócios efectivos traz a «Casa do Povo» e as que também vêm usufrir os sócios protectores.

Finalmente dirige-se aos trabalhadores pedindo-lhes que a par de bons trabalhadores e chefes de familia sejam bons portu guezes e patriotas, indicando-lhes que o caminho a seguir é um só: apoiar sinceramente a politica e administração honradissima de Sua Ex.ª o Doutor Oliveira Salazar para assim se assegurar uma Pátria livre.

No final ouviram se muitas palmas, sendo o oradór muito cumprimentado.

O senhor Presidente antes de encerrar a sessão agradeceu mais uma vez a comparencia de todos, não querendo deixar de se referir aos beneficios que os lavradores devem ao Estado Novo, explicando as vantagens da lei dos celeiros municipais em que os lavradores têm garantido a venda dos seus trigos aos preços da tabela, livres da intervenção dos intermediários ou das suas necessidades premiantes de vendedores. E mais uma vez pediu a todos que se filiassem na União Nacional porque com isso só demonstravam o seu reconhecimento pela grandiosa obra de Salazar.

Ouviu-se uma grande salva de palmas. Mais uma jornada de propaganda do Estado Novo se realisará e mais uma vez se demonstrava que pelo paiz fora a situação se vai impondo a todos pela sua doutrina e pelas suas realisações.

Exposição Colonial do Porto

Por motivo da Exposição Colonial do Porto, estão á venda na estação do C. P. desta cidade, bilhetes de ida e volta com a redução de 45%, cuja venda é realizada nos periodos seguintes:

Julho: Ida de 13 a 15, Volta até 18.

Julho: Ida de 20 a 22, volta até 25.

Agosto: Ida de 10 a 12, volta até 15.

Agosto: Ida de 17 a 19, volta ate 22.

Setembro: Ida de 14 a 16, volta até 19.

Os preços são os seguintes:

1.ª classe — 285\$45.

2.ª « — 207\$10.

3.ª « — 137\$90.

Trespassa-se

Um estabelecimento na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 88, 90 e 92, com todos os pertences para mercearia e taberna pronta a abrir.

Quem pertender dirija-se a Tiago João Rocio—Tavira

Liga dos Combatentes da Grande Guerra SUB-AGENCIA DE TAVIRA

Mapa estatístico da assistencia prestada aos associados desta Liga nos anos económicos de 1931-32, 1932-33 e 1933-34, com referencia á receita liquida proveniente da venda do «Capacete Miniatura», nos anos—1932-33 e 1933-34,—e á assistencia efectiva por ocasião do «Natal do Combatente» nos ultimos dois anos e bem assim a Pascoa do corrente ano:

RECEITA			ASSISTENCIA PRESTADA				
Venda do Capacete miniatura no ano económico 1932-33	Venda do Capacete miniatura no ano económico 1933-34	Soma	Pensões	Subsidios	Natal do combatente	Pascoa do combatente	Soma
507\$00	700\$70	1.207\$70	3.940\$00	50\$00	—	—	3.990\$00
			Ano Económico — 1931-32				
			Ano Económico — 1932-33				
			Ano Económico — 1933-34				
Total			3.740\$00	25\$00	—	210\$00	3.975\$00
			Total 12.225\$00				

Tavira, 11 de Junho de 1934.

O TESOUREIRO,

José Inácio da Conceição

Instituto Nacional do Trabalho e Providencia

Para conhecimento dos nossos leitores transcrevemos o seguinte Edital que foi afixado nesta cidade:

Manuel Alexandre, delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Providencia, com sede em Faro, faz saber aos trabalhadores:

1.º—Que é expressa no Decreto-lei N.º 23.053, de 23 de Setembro de 1933, a sua competencia para a eficaz e permanente protecção sob todas as formas aos trabalhadores, inquirindo da segurança dos locais de trabalho, do regime dos salarios, da observancia das leis sobre trabalho das mulheres e dos menores, e do horario de trabalho, emfim, de tudo o que diga respeito ao bem estar, hygiene e dignidade das familias operarias.

2.º—Que aceita todas as indicações, queixas ou reclamações na sua sede e tambem quando das suas visitas a qualquer parte do Distrito.

Edital

A Comissão Administrativa da Camara Municipal de Tavira:

Faz Publico que tendo deliberado colocar, no mais curto prazo, contadores em todas as instalações de agua, mais uma vez avisa todos os interessados que os trabalhos para essa colaboração podem ser feitos por pessoal extranho á Camara, e, neste caso, somente a ligação do contador será feita pelo tecnico municipal, gratuitamente, devendo os trabalhos serem feitos por pessoal do Municipio se o interessado assim o requisitar.

Para maior esclarecimento se transcreve a seguinte postura camararia que regula este assunto:

«Nenhum consumidor de agua dos serviços municipalizados de abastecimento á cidade de Tavira, nem o proprio possuidor do predio, se pode opôr á colocação do contador na respectiva instalação, sob pena da multa de 100\$00, que é elevada ao dobro por cada reincidencia. E' competente para acusar esta transgressão o mecanico municipal empregado no serviço das aguas.»

Para constar se passou o presente edital e outros de igual teor, que são fixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho de Tavira, em 20 de Junho de 1934.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Jorge Ribeiro

ARRENDAR-SE

Uma propriedade no sitio da Sinagoga, freguesia de Sto. Estevão.

Tratar com Manuel dos Santos Prado—Tavira.

Misericordia de Tavira

Movimento dos doentes no Hospital, de 1 de Janeiro a 31 de Maio, do corrente ano.

Entrados—Homens 34, Mulheres 42.

Altas—Homens 16, Mulheres 27.

Falecidos—Homens 7, Mulheres 3.

Existencia em 31 de Maio—Homens 11, mulheres 12.

Operados	8
Intervenções	34
Curativos pagos	57
Consultas pagas	40
Curativos e consultas gratuitas	550
Receituário externo	451\$30
Rações externas	1.800

Teatro Popular

Amanhã uma excelente produção U. F. A. falada e cantada em francês:

«A loucura de Monte-Carlo» linda opereta de grande apresentação e de musica maravilhosa. Um encanto de graça e jovialidade apesar da ameaça de bombardeamento do Casino de Monte-Carlo pelos canhões dum cruzador.

O desempenho é deveras notavel.

Kate de Nagy, a protagonista, revela-se uma insigne atriz animando toda a acção do filme com o seu sorriso fresco e a sua agradável voz, Jean Murat, o galã, notabilizando mais uma interpretação, confirma o seu grande nome.

Todo o bom algarvio deve assinar o jornal "Povo Algarvio".

Banhos da Fontinha da Atalaia TAVIRA

As melhores aguas para reumatismo e doenças de pele, conhecidas ha tantas dezenas de anos pelas suas maravilhosas curas.

Previne-se o publico que o Balneario da Fontinha da Atalaia, abriu no dia 15 de Junho.

Os bilhetes, como de costume, encontram-se á venda quer no Hospital da Misericordia quer no proprio Balneario.

DINAMITE

GRANDE ECONOMIA PARA O ALGARVE

Estão iniciadas e brevemente concluidas as obras de construção dum Paiól com a capacidade de 700 k^{os} de Dinamite.

A vantagem dum Paiól no Algarve é importantissima. Não só evita as grandes demoras na aquisição da dinamite mas ainda porque o seu preço sofre enorme redução

Até á edificação do Paiól tomam-se, como de costume, todas as encomendas de dinamite e respectivas cápsulas.

Polvoras de todas as qualidades e mecha estrangeira (a que nunca falha) em meadas da 5 e 10 metros.

José Viegas Mansinho
TAVIRA

Noticias Pessoais

Aniversários

Em 24 de Junho—A Sr.^a D. Ana Julia Peres Cruz.

Em 25—O sr. Armando Custodio Alves Leandro.

Em 27—O sr. Manuel Coelho Matos.

Em 28—O sr. Alfredo José Pedro da Cunha.

Em 29—O sr. Joaquim Pedro Soares.

Nascimentos

Teve a sua delivrance dando á luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso presado assinante, sr. Alfredo Augusto Baptista Peres, digno amanuense da Camara Municipal.

Igualmente deu á luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso presado assinante sr. Antonio Emidio Ferreira Leiria. Mães e filhos encontram-se de perfeita saude.

Este numero foi visado pela Delegação de Censura.

IMPRENSA

Recebemos a visita dos nossos colegas «O Algarve», de Faro e «O Povo do Barreiro», propriedade da Comissão Municipal da União Nacional do Barreiro. Os nossos agradecimentos.

TRANSCRIÇÃO

O artigo que sob o titulo «As Casas do Povo» noutro lugar publicamos é do nosso colega, semanário de Lisboa, o «Avante», órgão da Acção Escolar Vanguarda (A. E. V.).

DR. JAIME SILVA

MEDICO - CIRURGIÃO

Rua Dr. Parreira, 11

TAVIRA

O "Povo Algarvio" Vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

CASCALHO

Dizem e é verdade que os alcatroamentos desde que haja deficiencia no material empregado se desfazem facilmente. Por isso se querem obras de duração eterna empreguem o Cascalho de Alfredo Vidal á venda na estação dos Caminhos de Ferro de Tavira.

Anunciar no "Povo Algarvio" é ter a certeza de exito.

COMARCA DE TAVIRA

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

No dia 1 do mez de Julho por doze heras, á porta do Tribunal Judicial da mesma comarca, se hão-de arrematar a quem mais der sobre a avaliação os seguintes bens relacionados nos autos de carta precatoria vindo da Terceira Vara Judicial da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de execução por letra em que é exequente D. Luiza Pacheco, divorciada de Lisboa e executado Filipe José de Aragão Ribeiro:

Primeiro—O direito e acção que tem o executado em um predio urbano, nobre, sito na Rua da Borda de Agua da Assêca da cidade de Tavira no valor de cento e cincoenta mil escudos.

Segundo—Um armazem sito na mesma rua no valor de dois mil escudos.

Terceiro—Uma morada de casas terreas na Travessa da Borda de Agua da Assêca da cidade de Tavira no valor de quinhentos escudos.

Quarto—Uma morada de casas terreas na mesma Travessa no valor de mil escudos.

Quinto—Uma propriedade no sitio da Assêca da freguesia de Santa Maria de Tavira denominada «O Celão» no valor de dois mil e oitocentos escudos.

Sexto—Uma propriedade rustica no sitio do Vale de Carangueijo da mesma freguesia de Santa Maria no valor de cincoenta mil escudos.

Setimo—Um predio rustico no sitio da Varzea dos Peões da mesma freguesia de Santa Maria no valor de seis mil e quinhentos escudos.

Oitavo—Um predio rustico no sitio da Varzea dos Peões da mesma freguesia de Santa Maria no valor de onze mil e cem escudos.

Nono—Um predio rustico no sitio da Varzea dos Peões da mesma freguesia de Santa Maria no valor de nove mil e quinhentos escudos.

Decimo—Um predio rustico no sitio da Varzea dos Peões da mesma freguesia de Santa Maria a que o executado tem o direito e acção no valor de sete mil e quinhentos escudos; e ainda todos os bens moveis penhorados nos mesmos autos e tambem na referida carta precatoria relacionados e que se encontram na habitação do executado em Tavira.

São citados quaesquer credores incertos.

O Chefe da 3.ª Secção

José Zarco Junior

Verifiquei a Exactidão

O Juiz de Direito Subt.º

Manuel S. da Costa

Anuncio

No dia 8 de Julho de 1934 por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca se hão de arrematar a quem mais der sobre a sua avaliação os seguintes bens, penhorado nos autos de execução por custas e selos que o M.º P.º; move contra e executada Catarina da Conceição, casada, proprietaria e residente na Corte de Peso da freguesia de Santa Catarina.

Primeiro—Uma courela de fazenda no sitio das lorangeiras da freguesia de Santa Catarina, vai á praça no valor de mil e seiscentos escudos.

Segundo—Uma courela no sitio de Corte Peso da mesma freguesia, vai á praça no valor de novecentos escudos.

Terceiro—Uma courela no mesmo sitio vai á praça no valor de trezentos e trinta e cinco escudos.

Quarto—Uma courela no mesmo sitio vai á praça no valor de quatrocentos e sessenta e cinco escudos.

Quinto—Uma courela no mesmo sitio vai á praça no valor de mil e setecentos escudos.

O Chefe da 3.ª Secção

José Zarco Junior

Verifiquei a Exactidão,

o Juiz de Direito

João Cardoso

TIPOGRAFIA SOCORRO

[MOVIDA A ELECTRICIDADE]

Execução primorosa e rápida de todos os impressos para o comercio e industria

Fabrica de Carimbos de Borracha

As melhores oficinas do Algarve e que mais barato trabalham

Vila Real de Santo Antonio

Casa das Balanças

DE

Domingos José Soares

Completo sortido de instrumentos de pesar e medir

Afinam-se com precisão, balanças de qualquer sistema

Oficina de Carpintaria

Sortido de ferragens, tintas, vidros, etc.

Artigos funerarios, urras de mogno e caixões de chumbo

Preços muito reduzidos

23, Rua Jaques Pessoa, 24

TAVIRA

A Competidora DE José Augusto Neves

Especialidade em Lanifícios
para Homem e Senhora
Algodões e Chapelaria
Capas Alentejanas
e Sobretudos

É a casa que mais barato
vende e maior sortido tem

2, Praça da República, 28-29
TAVIRA

JOSÉ MARIA DOS SANTOS TAVIRA

TABACOS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

LIVROS — JORNALS — PUBLICAÇÕES
Agencia do «Seculo»
e POVO ALGARVIO

Polvora e Dinamite

Tomam requisições em:

TAVIRA—A. P. Vasconcelos
LOULÉ—M. C. S. Leal
OLHÃO—P. G. Canhoto

Chama-se a atenção de
empreiteiros e pro-
prietários de poços

Fábrica de Malas DE

MANUEL JOAQUIM HORTA

Inventor do Vaso «Ortoformigas» que
se destina a exterminar as
formigas dos pomares.

Malas de mão em lona, couro
e pergamoide.

Malas em folha e lona
para todos os tamanhos.

Cadeiras de viagem e
diversas Miudezas

TAVIRA

Francisco de Paula Peres

Madeiras, Ferro,
Aço, Ferragens
e Quinquilharias

VIDROS,
CIMENTO
E GESSO

Completo sortido de
Artigos Funerarios

Avenida 1.º de Maio, 24 e 24-A
TAVIRA

Fábrica PORTUGAL

A MAIOR DO PAIZ

Agente em Tavira ◊ JOSÉ VIEGAS MANSINHO ◊ Telefone N.º 40

Cofres, Tinas, Fogões circulares, Artigos Sanitarios,
Camas, Lavatorios, etc.

Camas de Casal

(Novo modelo)

Acabamento
inexcedível.

Duração eterna

Preço fixo e fóra de
toda a concorrência

Esc. 85\$00



Ricas mobílias
de madeira

de SALA em fina
talha

de CASA DE JANTAR
em nogueira e freijó.

Psichés, Camas, me-
sas de Cabeceira etc.

Liquida-se esta
secção por pre-
ços excepcional-
mente baixos

Camas Reclame = resistencia absoluta = Esc. 60\$00

J. A. PACHECO

TAVIRA

FABRICA DE MOAGEM E MASSAS

PANIFICAÇÃO MECANICA

SEMPRE OS MELHORES PRODUCTOS PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS



Espingardaria Algarve

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Enorme sortido em armas de Caça, Defeza e Recreio das repu-
tadas Marcas: **Merkel, Verney-Carron, Ideal, Fran-**
cotte, Armaf-Liegeoise, Galan, Schroeder
Freres, Browning, Winchester, Ugarte-
cheia, Sarrasqueta, etc: Carabinas automaticas,
Repetição e tiro simples.

PISTOLAS E REVOLVERES

Pistolas LONGINES automatica de 10 tiros detonadores a Pistolas LONGINES
unica arma que se pode usar sem licença

REVOLVERES SMITH (autenticos) A arma de defeza de fama mundial

POLVORAS DE CAÇA E BOMBARDEIRA DE TODAS AS QUALIDADES
Mecha ou Rastilho estrangeiro (nunca falha) meadas de 5 e 10 metros

HUILE MARQUE DEPOSÉE 1934 HUILE

E' este o título que um químico e caçador Belga deu á sua maravilhosa descoberta concluida no corren-
te ano de 1934. Até que finalmente acabaram as sensaborias! O oleo cujo resultado excede toda a expectativa,
elimina completamente toda a ferrugem e residuos produzidos pelas polvoras, umidades etc: lubrificando ao
mesmo tempo como nenhum outro.—A chegar em fins de junho.

REPRESENTANTE EM PORTUGAL A

ESPINGARDARIA ALGARVE—José Viegas Mansinho—TAVIRA—Telefone N.º 40

A Comercial — DE —

José do Carmo

Artigos de Fanqueiro, Re-
trozeiro, Modas e Confeções

Rua Alexandre Herculano
TAVIRA

J. J. Celorico Palma

Fábrica de Conservas
TAVIRENSE



Esmerada preparação de conservas
de Atum, Bonito, Carapau e
Sardinha em azeite puro
de oliveira

Tele } gramas TAVIRENSE
fone N.º 21

Estrada Marginal
TAVIRA—Portugal

Cunha & Dias, L.ª

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

Tipografia MODELO

DE

Virgilio C. Monteiro

RUA DA LIBERDADE, 49

TAVIRA

Rápida e perfeita execução de todos
os trabalhos concernentes á arte

Paulino &

Graça, L.ª

Mercearias, Miudezas,
Louças, Vidros, Cereais,
Legumes, Azeites, etc.

Rua José Pires Padinha

TAVIRA

TELEFONE N.º 41